



O Calendário Xukuru do Ororubá como ferramenta de visibilidade da agricultura tradicional e de mobilização política dos indígenas em Pesqueira – PE

The Ororubá Xukuru Calendar as a tool for the visibility of traditional agriculture and political mobilization of indigenous peoples in Pesqueira – PE

ARAÚJO, Marli Gondim¹.

¹Universidade Federal de Pernambuco, marligondim@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Ancestralidade, terra e território.

Resumo: Este artigo objetiva apresentar brevemente os encontros e rituais anuais realizados pelos indígenas Xukuru do Ororubá, do município de Pesqueira, em Pernambuco, que revelam um significado estratégico e de visibilidade da problemática indígena a partir de uma diversidade de eventos de caráter político, religioso e da agricultura tradicional e ancestral. Como produto da minha tese de doutorado defendida em 2021, construí com a ajuda profissional de uma desenhista, um Calendário Xukuru do Ororubá que ofertei como produto da tese para que os indígenas possam utilizá-lo nas escolas do território junto às crianças e juventude, com o fim de dar visibilidade e problematizar a importância estratégica das atividades realizadas para as lutas e causas indígenas tanto internamente como externamente. Ação que poderá fortalecer a permanência e resiliência dos indígenas a partir de sua histórica luta decolonial que inspirará outros povos indígenas e aliados de suas causas.

Palavras-chave: decolonialidade; povos originários; agricultura ancestral; Pernambuco.

Introdução

Os indígenas Xukuru do Ororubá vivem na serra do mesmo nome no município de Pesqueira, região do Agreste de Pernambuco, desde o século XVII. São cerca de 12.000 habitantes, distribuídos em 24 aldeias numa extensão de 27.555 hectares. Nesses quatro séculos, seu povo travou inúmeras lutas para resistir no território contra os fazendeiros ocupantes; para permanecer na terra retomada e produzir alimentos; para manter sua cultura, celebrar seus deuses, encantados e divindades, através de seus rituais, entre eles o toré. Permanecer na terra significou também construir de forma coletiva junto aos outros povos indígenas de Pernambuco (atualmente são 13 povos) a educação indígena Xukuru do Ororubá que inclui entre outras estratégias pedagógicas, o ensino pelos mais velhos, trilhas nas matas, participação em encontros apresentando trabalhos escolares entre outras ações que corporificam e dão significado e sentido ancestral e anticolonial ao ensino formal dos indígenas.

Os Xukuru do Ororubá, sobretudo com o cacicado de Xikão Xukuru, no final da década de 1980 tem realizado encontros e rituais anualmente em seu território, como uma estratégia de fortalecimento do povo, intercâmbio interno, visibilidade



externa e intercâmbio com outros povos do Estado de Pernambuco e do Brasil. A realização da Assembleia Xukuru do Ororubá envolve as 24 aldeias, suas lideranças e o povo de modo geral e chega a reunir cerca de 3.000 pessoas, entre indígenas, pesquisadores, população, indigenistas, estudantes, povos indígenas do Nordeste e outras regiões, membros de organizações Não Governamentais, instituições parceiras e aliadas das causas indígenas.

Durante o doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco, entre 2017 e 2021 na pesquisa de campo e durante o processo de escrita da tese, elaborei um Calendário Xukuru do Ororubá, com os principais encontros realizados pelos indígenas, dos quais participei da maioria das atividades. São eventos temáticos que podem ser classificados, pelas suas intenções e possibilidades, como de ordem política, da agricultura e de cunho religioso. Este esforço de sistematizar e agrupar os encontros resultou num desenho, inspirado no calendário maia mesoamericano, com formato circular e que resulta num produto da tese de doutorado e pode ser utilizado nas escolas Xukuru do Ororubá com crianças e jovens, mas também para divulgar interna e externamente a dinâmica social, política, religiosa e da agricultura desse povo indígena pernambucano. Esse artigo apresenta uma breve descrição dos encontros anuais realizados pelos indígenas e o desenho que foi elaborado como resultado e expressão visual do Calendário Xukuru do Ororubá.

Metodologia

A pesquisa de campo foi realizada durante todo o período do doutorado, porém com mais intensidade nos anos de 2019-2021, o que significou conviver com as várias restrições quanto à presença no território e interação com os indígenas para realizar entrevistas, devido à pandemia por coronavírus entre os anos de 2020-2021. Duas estratégias metodológicas foram fundamentais para a compreensão da importância dos encontros e rituais. A participação e observação participante nos encontros e rituais realizados durante os anos referidos e até antes, a partir de 2015, quando mantive os primeiros contatos com os Xukuru do Ororubá, foi muito importante para a compreensão das estratégias utilizadas e do significado de cada um desses momentos para os indígenas, para a população de Pesqueira, para pesquisadores/as, para aliados das causas indígenas e de Organizações Não Governamentais. As entrevistas realizadas, sobretudo as com ênfase nos eventos sobre a agricultura tradicional e ancestral dos Xukuru do Ororubá, me forneceram informações sobre o modo de vida, a história e o significado da agricultura tradicional dos indígenas na garantia de sua permanência no território ao longo dos séculos.

Resultados e Discussão

A seguir, breve descrição dos Encontros e Rituais do povo Xukuru do Ororubá, destacando os que se relacionam à agricultura tradicional e ancestral a partir da minha tese de doutorado (ARAÚJO, 2021).



1. Dia 1 de janeiro, os indígenas sobem à Pedra do Rei, na Aldeia Pedra d'Água, para fazerem a "leitura da barra do ano". Evento restrito aos indígenas e que objetiva ler a forma, cor e presença das nuvens, possibilitando prever as invernações e, com isso subsidiar o planejamento da agricultura;
2. Dia 6 de janeiro. No Dia de Reis, os indígenas realizam rituais na mata e, semelhante ao dia 1º de janeiro, também fazem a leitura da barra;
3. Último domingo de janeiro. Encontro de Sábios e Sábias ou *Longy Abaré*. Encontro anual, aberto aos pesquisadores, apoiadores e estudantes não indígenas. Este evento ocorre anualmente no Terreiro Sagrado da Boa Vista e é a culminação de encontros semanais, realizados nos sábados de janeiro;
4. Dia 2 de fevereiro. Apresentação das sementes ao Mestre Rei de Ororubá. Dia de "plantar no seco", em devoção à divindade do Ororubá, desejando que a agricultura seja bem-sucedida. É conhecimento e prática dos antigos;
5. Período de 17 a 20 de maio. Assembleia Anual Xukuru do Ororubá. Para se compreender melhor, esse período pode ser dividido em quatro momentos: a) 17 a 19 – três dias dedicados aos debates sobre política indígena, organização e lutas dos Xukuru do Ororubá e outros povos no Brasil; b) Dia 20 – Missa pela morte do Cacique Xikão, no cemitério da Aldeia Pedra d'Água; c) Dia 20 – caminhada a partir da Aldeia São José até o centro de Pesqueira para o ato público. d) Os indígenas reúnem-se no bairro "Xucurus", local onde "Xikão" foi baleado, para a realização de um ato público. "O 20 de maio é uma junção de rituais fúnebres, religiosos e políticos. O evento começa na aldeia Pedra D'água e termina na cidade de Pesqueira, fora da terra indígena Xukuru". (NEVES, 2005, p. 15-16);
6. Dia 23 de junho – celebração de Senhor São João, "Caô", para os Xukuru do Ororubá. Às 4 horas da manhã, os indígenas, vindos de várias aldeias no território, reúnem-se na Barraca do Bem Viver, na Aldeia Couro d'Antas, tomam um café, tipicamente local ou "tradicional", e seguem caminhando até a Igreja de Cimbres. Em seu interior, realizam um ato religioso de abertura do São João, dançando o Toré. Depois dirigem-se ao salão do Centro Social São Miguel para continuarem a dança do Toré em homenagem ao Senhor São João;



Figura 01 – São João, "Caô". Fonte – Concepção e organização da autora; Desenho Joanna Oji, agosto/2021.

7. Dia 23 de junho – Busca da Lenha. Às 16 horas, o sino da Igreja toca e anuncia a Busca da Lenha. Grande número de indígenas, pesquisadores e população



- reúnem-se em frente à Igreja de Nossa Senhora das Montanhas para buscarem a lenha, previamente cortada nas aldeias próximas, seguindo em procissão, tendo o Cacique à frente, segurando a Bandeira de São João, para, na volta, formarem a grande fogueira em homenagem ao santo;
8. Dia 2 de julho – Dia de Nossa Senhora das Montanhas. Festa de cunho religioso, reunindo um número maior de pessoas que no dia do Senhor São João, para novamente acender uma grande fogueira em devoção à Nossa Senhora das Montanhas, a Mãe Tamain para os Xukuru do Ororubá;
 9. Outubro. No Centro de Agricultura Xukuru do Ororubá (CAXO), espaço intercultural, produtivo e de evocação espiritual localizado na Aldeia Couro d’Antas, o Terreiro da Mata Sagrada da Boa Vista comemora a sua existência no mês de outubro com a realização de uma festa conjunta com o Dia da Criança;
 10. Novembro. Encontro Urubá Terra, realizado durante dois dias dedicados às discussões sobre agricultura “tradicional” e à partilha de sementes entre os indígenas das 24 aldeias;



Figura 02 – Encontro Urubá Terra. Fonte – Concepção e organização da autora; Desenho Joanna Oj, agosto/2021.

11. Dia 13 de dezembro. No dia de Santa Luzia, do calendário da Igreja Católica Romana, alguns indígenas fazem leituras do tempo e dos sinais da Natureza.

Farei uma descrição mais detalhada dos dois encontros que destaquei por serem destinados à discussão e planejamento da chamada agricultura tradicional Xukuru do Ororubá.

O Encontro de Sábios e Sábias, *Longy Abaré*, é realizado no último domingo do mês de janeiro, normalmente depois de uma sequência de encontros preparatórios realizados aos sábados no mesmo mês. No Terreiro Sagrado da Comunidade da Boa Vista na Aldeia Couro d’Antas, desde 2012, o encontro reúne os sábios e sábias

Xukuru do Ororubá, mas também os que detêm os conhecimentos ancestrais indígenas de realizar a leitura dos sinais do tempo e da Natureza. O *Longy Abaré* é, portanto, a tentativa de reunir em um só momento e lugar, os sábios e sábias para socializarem as previsões e leituras da Natureza para outros indígenas, agricultores/as se beneficiarem das informações e realizarem o planejamento anual da agricultura, com base nas previsões compartilhadas.

Ressalto que as previsões populares do tempo e da “invernada” são práticas comuns na Região Nordeste, fazendo parte da cultura camponesa. Nesse contexto,



os indígenas apresentam uma série de observações e procedimentos peculiares. Segundo Gonçalves e Bertino:

Os sinais de experiência de chuvas são a observação da ocorrência de chuvas em datas específicas durante o ano, e também preveem se haverá um bom inverno. Segundo os profetas, se o sol aparecer coberto por uma barra de nuvens no primeiro dia de janeiro, é sinal de bom inverno. Nos seis primeiros dias de janeiro é possível saber como vão se comportar os seis primeiros meses do ano em relação às chuvas. Cada dia corresponde a um mês: dia primeiro corresponde a janeiro, dia 2 a fevereiro, dia 3 a março, dia 4 a abril, dia 5 a maio e dia 6 a junho. (GONÇALVES; BERTINO, 2017, p. 6)

O Encontro Urubá Terra, vem cumprindo papel fundamental no fortalecimento da chamada agricultura tradicional Xukuru, através de processos formativos com a realização de oficinas, por oportunizar às escolas e alunos e alunas a exposição criativa de trabalhos com temas também problematizando a importância da agricultura tradicional para os Xukuru do Ororubá e na realização dos intercâmbios de conhecimentos a partir da troca e partilha de sementes e mudas entre agricultores/as do território indígena.

Conclusões

O Calendário Anual dos indígenas Xukuru do Ororubá se constitui numa representação da organização interna e dos diálogos estabelecidos com a sociedade envolvente, pesquisadores/as, poder público e aliados dos indígenas. É também uma expressão da construção da decolonialidade a que se propõe esse povo indígena habitante na Serra do Ororubá e bairros no município de Pesqueira, que tem demonstrado capacidade de reverberar a voz e as propostas para além dos territórios habitados, insistindo em uma forma própria de se relacionar com a Natureza e produzindo novos e instigantes olhares sobre a produção de alimentos e cuidados com a terra, a saúde, a comida e a educação. Assim, os encontros e atividades anuais dos Xukuru do Ororubá, apresentados em alguns desenhos individuais na descrição detalhada acima, foram representados em um desenho único, da artista Joanna Oji, o Calendário Xukuru do Ororubá (Figura 03). Assemelhado a uma mandala, a inspiração inicial quanto à forma circular foi o calendário maia mesoamericano. A cada mês corresponde um encontro ou ritual Xukuru do Ororubá ou um evento importante para a agricultura e luta indígena, sendo que cada “fatia” possui três desenhos representativos.

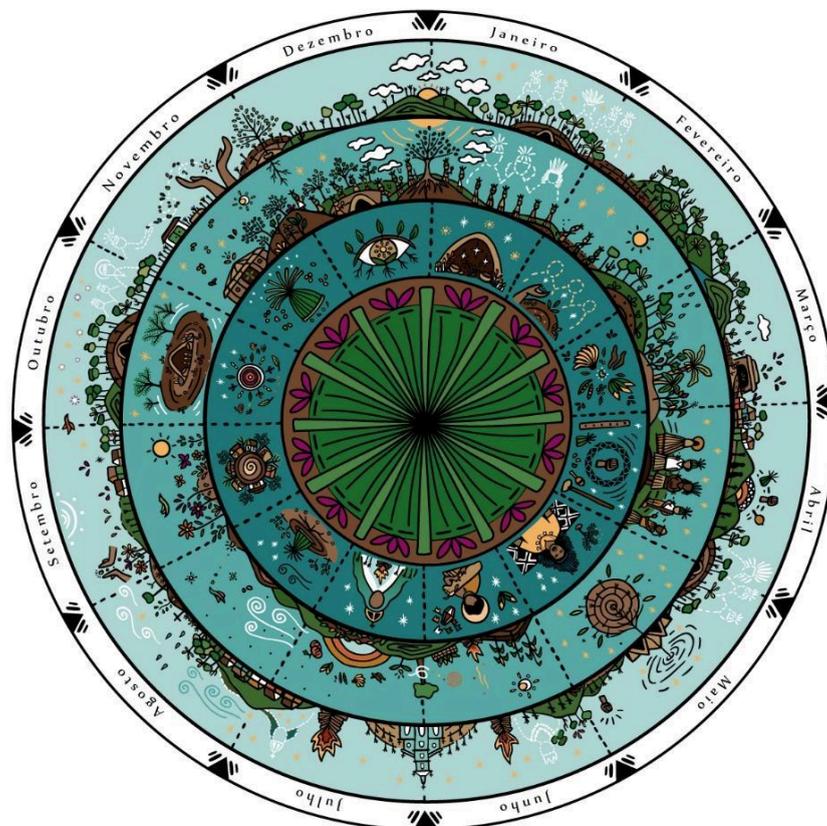


Figura 03 – Calendário Xukuru do Ororubá. Fonte – Concepção e organização da autora; Desenho Joanna Oj, agosto/2021.

Referências bibliográficas

ARAUJO, Marli Gondim de. **Limolaygo Toype: território ancestral e agricultura indígena dos Xukuru do Ororubá em Pesqueira e Poção, Pernambuco.** Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Geografia. UFPE: Recife-PE, 2021.

GONÇALVES, Tiago Cargnin e BERTINO, Raimundo Daldenberg Pereira. **Sinais da Natureza, profecias e previsões meteorológicas no Sertão Do Pajeú.** V Seminário LecGeo. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 7 a 11 de novembro de 2017.

NEVES, Rita de Cássia M. **Dramas e performances: o processo de reelaboração étnica dos Xukuru nos rituais, festas e conflitos.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Antropologia. UFSC: Florianópolis-SC, 2005.